

**“500 DIAS COM ELA” E A SEMIÓTICA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO SÍGNICA DO NARRADOR**

Taís Turaça Arantes (UERJ)

taistania@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho buscou em sua égide iniciar uma reflexão sobre o filme “500 dias com ela” a partir de uma abordagem teórica da semiótica peirciana. A análise parte do entendimento de que o filme é uma arte, na qual a sua comunicação é híbrida. O artigo analisa a importância do discurso do narrador dentro do enredo do filme. Como resultado demonstrou que o narrador do filme passa pelas três categorias fenomenológicas e que isso contribui de forma significativa para a construção do filme.

Palavras-chave:

Cinema. Peirce. Semiótica.

1. Introdução

Este estudo é uma análise de uma das linguagens da comunicação: o cinema. Essa análise é realizada sob a luz da semiótica de Peirce, pois é através dela que se estabelece processo triádicos dos signos. Visto que a teoria semiótica apresenta outras duas correntes: a semiótica agereimasiânica, fundada por Algirdas J. Greimas (1917-1992), que se estabeleceu na França e sua base se edifica no estruturalismo de Louis Hjelmslev e Lévi-Strauss, essa semiótica está ligada ao plano de expressão e conteúdo (PIETROFORTE, 2004, p. 08); a semiótica da cultura que teve como precursores os russos Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Roman Jakobson (1896-1982), nesse eixo teórico a cultura é a geradora de estruturalidade, na qual a atribuição fundamental da sua capacidade é transformar em conjuntos diversificados e organizados de sistemas de signos (MACHADO, 2013, p. 141). Percebe-se que as outras duas correntes também poderiam ser utilizadas como fundamentação teórica para este estudo, contudo é a semiótica de Peirce que nos forneceu em sua estrutura as definições triádica dos signos necessária para a discussão mais profunda sobre a construção sígnica do discurso do narrador.

No que tange apropriar-se de uma linguagem cinematográfica como objeto de estudo significa que é necessário decompor esse filme. Essa decomposição apresenta duas etapas, sendo a primeira responsável por descrever o filme para estabelecer e compreender os elos dos elementos de-

compostos e a segunda etapa concentra-se em interpretar (PENAFRIA, 2009). Como supracitado, a interpretação parte do ponto de vista semiótico peirciano e traz uma discussão sobre a importância da construção sógnica do discurso do narrador dentro do filme.

2. (500) dias com ela – Descrição do objeto

Dirigido por Marc Webb o filme, lançado em 2009 e com duração de 1 hora e 36 minutos, escolhido como *corpus* de análise foi (500) dias com ela (no título original é (500) days of Summer), que conta em sua narrativa a história de um rapaz chamado Tom (Joseph Gordon) que se apaixona pela sua colega de trabalho chamada Summer (Zoëy Deschanel).

Tom é um rapaz formado em arquitetura que trabalha escrevendo cartões de felicitações. Summer aparece pela primeira vez para ele em uma reunião de trabalho. O enredo apresenta a história do envolvimento amoroso dos personagens de forma não linear. As cenas são numeradas de acordo com os dias em que eles viveram o romance, assim como também os dias em que Tom ainda gostava de Summer.

Enquanto Summer é uma personagem que busca viver um dia de cada vez sem se preocupar com relacionamentos sérios, Tom sempre buscou alguém com quem pudesse passar o resto dos dias. Essa diferença de perspectiva sobre a própria vida faz com que cada um tenha uma visão diferente do relacionamento. Enquanto para Summer eles são apenas amigos, para Tom eles já são namorados. Essa divergência de olhar norteia todas as atitudes de ambos.

Uma das primeiras conversas entre os dois personagens acontece em um bar de karaokê, os dois cantam e depois conversam sobre a noção de amor. Summer acredita que o amor não existe e questiona a necessidade de ter alguém ao seu lado. Ela se considera jovem e por viver em uma cidade grande a vida tem que ser vivida ao máximo. Tom a questiona dizendo que ela pensa dessa forma por nunca ter amado alguém ainda. Foi a partir dessa conversa, e também, por um outro amigo de trabalho dizer a Summer que Tom gosta dela que no próximo dia Summer beija Tom e eles começam a ter um envolvimento.

O espectador acompanha, guiados por um narrador, diretamente os pensamentos e ações de Tom. Desde o início se acompanha os conflitos dos

mesmos em relação a Summer. Ele discute com os amigos sobre o envolvimento dele com a Summer não ser rotulado como um namoro, sobre como ela é especial e como ele a ama.

Não se sabe o que Summer faz ou pensa quando está longe de Tom. Esse distanciamento causa também no expectador a mesma incerteza que Tom sente em relação a ela, ou seja, não sabemos os sentimentos de Summer.

No que concerne o narrador presente no filme é o heterodiegético, pois ele não é um personagem da história. Em alguns momentos ele torna-se muito descritivo, no sentido de apresentar fisicamente cada um dos personagens, mesmo que o expectador possa observar, ele fornece informações adicionais como, por exemplo, o tamanho do pé de Summer. Esse narrador foca em todos os passos de Tom, fazendo o deslocamento da Summer para uma personagem secundária.

Durante esses 500 dias as atitudes de Tom são guiadas pelo o sentimento que ele possui pela outra personagem.

Nesse sentido, o próprio título do filme demonstra que não se trata de 500 dias de um relacionamento instável. O número arábico 500 entre os parênteses serve para indicar que na verdade são 500 dias que o personagem Tom fica apaixonado pela Summer.

Os dias no filme são representados fora de ordem cronológica. Dessa forma, é possível demonstrar os sentimentos de Tom mesclados. Essa mescla vai desde os momentos de extrema paixão e de raiva. Essa falta de ordem também deixa para o expectador aberto chegar a sua própria interpretação de alguns fatos, por exemplo, o expectador assiste o momento do fim do relacionamento na cafeteria, antes da cena em que eles vão para essa cafeteria.

3. *Fundamentação teórica: Semiótica de Charles Sanders Peirce*

A semiótica utilizada como fundamentação teórica para análise é a de Charles Sanders Peirce (filósofo, matemático, cientista e lógico). Semiótica que se difere, em alguns pontos, da semiologia criada pelo seu contemporâneo linguista Ferdinand Saussure. Enquanto Saussure apresenta a realidade do signo de forma diádica, significado e significante, para Peirce o signo é triádico, uma vez que o objetivo desta ciência se concentra em de-

monstrar a relação entre o objeto, signo e interpretante em sua relação lógica.

De uma maneira geral, a semiótica estuda o sistema dos signos linguísticos e o seu campo de estudo é muito amplo, todavia não é sem limitação, ou seja, a semiótica está ligada aos sinais, signos e linguagem, e assim ela permite a compreensão de sons, palavras e imagens nas mais diversificadas manifestações. Sem invadir outras áreas é por meio da semiótica que se estuda os meios pelos quais o homem se comunica, tanto a linguagem verbal como não verbal (SANTAELLA, 2012).

As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (*Idem*).

De acordo com Jamani (2011, p. 193) semiótica é o estudo da construção dos significados através dos signos, e tem como premissa a noção que os signos têm uma qualidade triádica. A despeito dessa relação de qualidade triádica, explica-se que há o próprio sinal físico (palavra, gesto); a entidade a que se refere (objeto, ideia), dessa forma, os signos são sentidos ou significação.

Sendo assim, compreende-se o fato de que a semiótica se apresenta como um estudo voltado para o signo e as significações dentro do âmbito da linguagem humana, sendo ela verbal ou não verbal, como Pignatari (2004, p. 15) explica é “uma ciência que ajuda a ‘ler’ o mundo”.

Nesse sentido, de “ler” o mundo, o pesquisador Lemke explica que a semiótica dentro de uma comunidade é uma prática interpretativa, assim como também é, necessariamente, um processo material em algum sistema físico, assim como também social e humano, ou seja, a prática semiótica permeia o cotidiano e está presente nas várias convenções da sociedade. Essas práticas de construção de significado são significativas dentro de um tempo e uma cultura; essas práticas são parte dos sistemas culturais de significado.

Peirce explica que um signo é o significado que surge pela interpretação. Um signo cria na mente de uma pessoa outro signo. Além disso, essa interpretação mental não está desprendida das emoções, ideias e sentidos que evocam um signo para um indivíduo naquele momento. Peirce se refere

que o signo é o significado interpretado (*Idem*).

Ainda no que concerne à teoria há uma distinção em sua própria semiótica, que se denomina semiótica geral e a semiótica especial. A primeira entende-se como uma parte da filosofia que se atrela aos campos dessa respectiva área, tais como: Lógica, Filosofia da Lógica, Filosofia da Ciência, Epistemologia ou Teoria do Significado. Essas disciplinas tratam de questões que possibilitam uma abordagem capaz de compreender a “concepção do pensamento como um processo de interpretação do signo com base com base numa relação triádica entre signo, objeto e interpretante” (NETTO, 1983, p. 52-3).

No que tange a semiótica especial entende-se a mesma como uma ciência que se preocupa com os fenômenos mentais, intrinsecamente ligado as manifestações mentais, por isso que ela também pode ser chamada de “psíquica”. Nesse sentido, Netto (1983) afirma que é necessário ressaltar que:

[...] em Peirce, termos como “mente” ou “pensamento” devem ser encarados numa perspectiva mais ampla (“mente” pode ser entendido como “semiose”, ou processo de formação das significações; “pensamento” pode ser substituído por termos como “signo” ou “símbolo” ou “interpretante”), seu método consistia em desenvolver uma concepção da mente derivada de uma análise do que está implícito na tendência humana para a procura da verdade. (NETTO, 1983. p. 53)

A “verdade” para Peirce é uma atividade que se dirige para um objeto na qual seja capaz de evocar uma consciência em si mesma ao ponto de ser capaz de promover uma autocrítica. Logo o que se entende por semiótica especial é uma atividade pela busca da verdade (*Idem*).

Peirce estabelece sua teórica de forma triádica, dessa forma, em sua semiótica a tríade edifica o raciocínio, a metafísica e a psicologia. No presente texto a que nos interessa é a do raciocínio, em qual está alocada a questão tripla do signo: ícone, índice e símbolo.

No que tange a tríade presente no raciocínio à mesma se edifica por meio dos estudos de Kant, que de acordo com Peirce (2012, p. 09) foi “quem primeiro observou a existência, na lógica analítica, das distinções tricômicas ou tripartidas”. Essa noção das tricotomias se apresenta como inferências de triplicidade na lógica, podendo ser: Deduções, Induções ou Hipóteses; os enunciados do que é real, daquilo que é possível e daquilo que é necessário. Nesse sentido, das tríades dentro da lógica, está presente

uma que Peirce (*Idem*) denomina de “particularmente importante”, observa-se a explicação do referido teórico abaixo:

O primeiro é o signo diagramático ou ícone, que ostenta uma semelhança ou analogia com o sujeito do discurso; o segundo é o índice que, tal como um pronome demonstrativo ou relativo, atrai a atenção para o objeto particular que estamos visando sem descrevê-lo; o terceiro (ou símbolo) é o nome geral ou descrição que significa seu objeto por meio de uma associação de idéias ou conexão habitual entre o nome e o caráter significativo. (PEIRCE, 2012, p. 10)

Essa tríade em particular apresenta sua importância sobre as outras por envolver a lógica em sua essência. A lógica norteia a percepção dos fatos, sejam eles singulares ou plurais elevados ou não a uma ordem dupla, visto que os singulares se caracterizam como “predicáveis de objetos singulares” ao dizer que determinada coisa ou objeto é pequeno ou azul. Os duplos são os termos relativos como, por exemplo, a conjugação “mas” que atua como uma força relativa em duas sentenças, sendo assim, o que se entende por fatos plurais aquele que envolve a concepção de exprimir a síntese dos fatos (*Idem*).

Essa explanação a cerca dos fatos dentro da tríade do raciocínio demonstram que a síntese dos mesmos, sendo eles duplos ou singulares, explica o porquê de três classes de signos, devido a uma conexão tripla do signo, “coisa significada, cognição produzida na mente” (*Ibidem*).

Através disso compreende-se a relação entre o signo e a coisa/objeto significado, o que demonstra que o signo é um ícone. Quando se trata de uma ligação física direta o signo é um índice. O signo passa a ser um símbolo quando se concretiza o fato da mente conseguir associar o signo com o seu objeto (*Idem*).

Essa classificação dos signos tríadicos, presente nas dez tricotomias estabelecidas por Peirce, também apresenta no *representamen*, aquilo que sob algum aspecto representa algo para alguém.

De acordo com a teoria semiótica de Charles Peirce (1974), todo fenômeno pode se manifestar dentre três categorias: primeiridade (coerência), secundidade (reação, conexão) e terceiridade (interpretação). Tal representação é acionada por um signo em três formas: ícone, índice (index) e símbolo. O ícone é que conota o seu objeto através da semelhança. O índice indica a existência, continuidade física com seu referente. O símbolo é o signo interpretado por convenção geral. (EMÉRITO, 2010, p. 05)

A segunda tricotomia é relativa às relações semânticas entre o signo

e o seu objeto. O ícone é o signo que possui semelhança com o objeto representado. A fotografia de uma casa por ser um exemplo de um signo icônico. O índice signo referido ao objeto denotado, devido a ser diretamente o “afetado por esse objeto”. Pelo fato do signo inicial ter alguma particularidade em comum com o objeto, não se deixa de um tipo de ícone (PEIRCE, 1975). O símbolo passa a representar, por uma convenção, alguma coisa ou alguém. Cita-se como exemplo dessa afirmação os símbolos que os cursos de graduações utilizam, como o caso do curso de letras, que possui, geralmente, a flor-de-lis como símbolo, assim como a balança passou a representar a justiça, a aliança representa a união de um casal. Nesse sentido, vale explicar que as cores, dentro de determinadas culturas, também acabam por simbolizar alguma coisa, por exemplo: o verde representa a esperança e o preto o luto.

As categorias fenomenológicas citadas anteriormente dentro da teoria de Peirce são o que definem a qualidade, relação e representação (SANTAEILLA, 2012). A primeiridade ao nível sensível, do signo em si mesmo, aquilo que está de forma imediata presente na consciência humana; a secundidade está no nível da experiência relativa às relações semântica entre signo e o seu objeto; a terceiridade diz respeito à mente, o signo em relação ao interpretante (NETTO, 1983, p. 61).

A breve discussão sobre semiótica e as categorias fenomenológicas nos remete a própria construção sógnica do cinema realizado pela montagem que realiza uma relação entre partes formando um todo, como explica Santos (2008, p. 64) que “a montagem corporifica esse todo de duas formas: sugerindo e indicando”. Logo, “a arbitrariedade da montagem ao associar uma imagem a outra é o que dá respaldo a construção de discurso, que dá ao cinema uma linguagem própria, pois sem o governo da lei, fatos e ações são brutos e cegos” (*Idem*). O processo de montagem é que leva uma imagem a outra para o expectador. A discussão semiótica nos demonstra que a leitura interpretativa de um filme passa pelos níveis fenomenológicos, em que o expectador associa uma imagem a seguinte.

Nesse sentido, abordamos a construção sógnica do discurso do narrador, visto que como afirma Cardoso (2003, p. 57) que umas das problemáticas do estudo fílmico é o narrador; Cardoso (*Idem*) ainda afirma “O narrador é considerado como o agente, integrado no texto, que é responsável pela narração dos acontecimentos do mundo ficcional, sendo, por este motivo, distinto do autor empírico e mesmo das personagens desse mundo

ficcional, pela amplitude narrativa”. Entre as técnicas para se analisar o tipo de narrador, existe a de Carlos Reis em que o mesmo postula três tipos de narradores: narrador homodiegético, autodiegético e heterodiegético.

A postulação sobre o narrador heterodiegético, o tipo de narrador presente em (500) dias com ela, nos informa que o mesmo relata uma história que é indiferente a ele. Esse tipo de narrador não integra ao mudo do filme. A construção sónica desse narrador acontece em um plano simbólico em que sua percepção se constrói na imagem aliada ao efeito de representar uma ideia: sua forma de narrar.

4. *Análise semiótica do filme: a discussão sobre a construção sónica do discurso do narrador*

Tenzin Gyatso, o 14º Dalai Lama, quando perguntado sobre o que a humanidade realmente deseja, tornou célebre a seguinte frase: “Todas as criaturas têm uma coisa em comum: querem ser felizes e não querem sofrer”. A felicidade, no entanto, é um conceito muito relativo, uma vez que cada pessoa contenta-se com diferentes coisas, em diversas fases da vida.

O filme “500 dias com ela” foi escolhido justamente porque ele repensa o conceito de felicidade, já que os protagonistas, apesar de ficarem juntos durante parte desses 500 dias, buscam este “contentar-se”, de formas diferentes. Ao apresentar o protagonista, interpretado pelo ator Joseph Gordon-Levitt, o narrador descreve o que julga ser importante para o espectador sobre o personagem. Seria o que Van Dijk (2012) chama de contexto:

Narrador: “O garoto, Tom Hansen, de Margate, Nova Jersey, cresceu acreditando que nunca seria verdadeiramente feliz até o dia em que conhecesse a predestinada. Essa crença vem de uma exposição precoce à triste música pop britânica e à má compreensão do filme *A Primeira Noite de um Homem*”.

Essa breve caracterização do narrador a respeito de Tom Hansen nos diz muito sobre o tipo de pessoa que ele é e que é retratada no longa metragem. Começamos com seu nome: Tom (ou Thomas). Segundo os populares livros de significados de nomes, Thomas vem do aramaico, e quer dizer “gêmeo”, ou aquele que está à procura do seu par. E é assim, através da ótica do narrador, que podemos ver, enquanto expectador, Tom durante o filme: aquele que acredita na alma gêmea, que possui uma visão romântica da vida a dois e que procura por alguém com quem possa ser completo.

O próprio narrador ressalta esta característica ao mostrar que “Tom nasceu acreditando que nunca seria verdadeiramente feliz até o dia em que conhecesse a predestinada”.

Outra informação dada pelo narrador é sobre seu local de nascimento: Margate, Nova Jersey. New Jersey (ou Nova Jersey) é o nono estado mais habitado dos Estados Unidos, apesar de possuir pequena extensão territorial (é o quarto menor em área). Margate City era originariamente um bairro de Jersey, que foi reincorporado como cidade ao distrito de New Jersey em 1909. Segundo o site oficial da cidade, a maioria das pessoas que frequentam o local são regulares, ou seja, não se vê muitos turistas nessa região. Ter nascido nesta cidade fez de Tom uma pessoa simples, comum, mas que precisaria sair daquele “mundo particular” se quisesse algo mais da vida. Graduado em Arquitetura, o rapaz não conseguiria alçar altos voos se continuasse naquele ambiente, onde a maior parte da população não busca mobilidade urbana. Para tal, Tom sai de um extremo a outro do país, tentando a sorte em Los Angeles, Califórnia. Ou seja, um garoto simples, com um nome comum, tentando a sorte no ensolarado estado da Califórnia (como é conhecido o estado). Notem que, em inglês, The Sunny State of California, já em uma alusão ao sol que vem iluminar a vida deprimente de Tom: Summer Finn.

Dizemos vida deprimente porque, ao longo do filme, vemos que, mesmo com a graduação em arquitetura e tendo se mudado para o outro lado do país para conseguir emprego na área, Tom acaba trabalhando em uma empresa de cartões de felicitações. Embora aquele emprego seja sua zona de conforto, Tom não gosta do que faz, pois, como ele mesmo diz em certa altura do filme, no meio de uma reunião para decidir os próximos cartões a serem desenvolvidos:

Tom: Bem, este é, e Rhoda, sem desrespeito, mas, hum, essa é uma merda total. Vá em frente? Você pode fazê-lo? Isso não é inspirador. Isso é suicida! Se Pickles [nome do gato da Rhoda] for em frente, ele é um gato morto. Mentiras. Foram mentirosos ao pensar sobre isso. Por que as pessoas compram essas coisas? Não é porque eles querem dizer como se sentem, as pessoas compram cartões porque não podem dizer como se sentem ou eles estão com medo também. Nós fornecemos o serviço que lhes permite se acovardar. Você sabe o quê? Eu digo para o inferno com ele. Vamos nivelar os Estados Unidos, pelo menos, deixá-los falar por si só. Eu quero dizer olha, olha. O que é isso, o que isso diz? “Parabéns pelo seu novo bebê”. Que tal “Parabéns pelo seu novo bebê, acho que é isso para felicitar alguém. Bom conhecer você”. Que tal um presente? Com todos os corações bonitos na frente, eu acho que eu sei onde isso vai parar. Sim. “Feliz dia dos namorados,

eu te amo”. Não é tão doce? O amor não é grande? Este é exatamente o que eu estou falando. O que isso significa, amor? Você sabe? Você? Alguém? Se alguém me der este cartão Sr. Vance, eu vou comê-lo. É. Estes cartões, e os filmes e as músicas pop, eles são os culpados por todas as mentiras e as dores, tudo. Somos responsáveis. Eu sou responsável. Eu acho que fazemos uma coisa ruim aqui. As pessoas devem ser capazes de dizer como se sentem, como realmente se sentem, não algumas palavras que algum estranho coloca em sua boca. Palavras como amor, que não significam nada. Desculpe, eu sinto muito, eu, hum, eu parei. Já existe besteira suficiente no mundo sem a minha ajuda.

Ainda segundo a descrição do narrador, “[Tom] cresceu acreditando que nunca seria verdadeiramente feliz até o dia em que conhecesse a predestinada”. Tom, o rapaz comum do frio município de New Jersey, cresceu acreditando no amor romântico icônico que a Literatura sempre nos apresentou, tanto que ele acredita na Alma Gêmea. Platão (428-348 a.C.), em “O Banquete”, tenta definir o amor através da Alegoria da Alma Gêmea. Na *série* de diálogos trazida n’O Banquete, Aristófanes afirma que no início dos tempos, o homem era um ser completo e, ao mesmo tempo, feito em duplicidade, constituído de duas cabeças, quatro pernas e quatro braços, o que permitia a este ser um movimento circular, completo e harmônico, conferindo-lhe, desta forma, mais liberdade (retratado em 1490 por Leonardo da Vinci como o Homem Vitruviano). No entanto, ao considerar-se superior aos outros seres, o homem resolveu desafiar os Deuses. A batalha não foi bem sucedida, e os Deuses venceram. A fim de castigar a arrogância do homem, Zeus o castigou, partindo-lhe ao meio com uma espada. A partir deste dia, de acordo com o mito, o homem passa o resto da vida à procura do ser que lhe complete e o torne, novamente, poderoso e completo. Este ser que traria sua completude é a alma gêmea. Embora Platão refute tal teoria, esse mito formou a base dos movimentos românticos da história da Literatura.

Na *sequência* das informações dadas pelo narrador, temos: “Essa crença vem de uma exposição precoce à triste música pop britânica”. A década de 1980 foi marcada pelo movimento conhecido como BritPop, ou British Pop, músicas populares britânicas (surgidas, principalmente, no Reino Unido e Irlanda) que uniam Rock a letras românticas e melancólicas, onde o amor e morrer de amor (ou por esse amor) é o mais perto dos Deuses que o homem conseguiria chegar.

No entanto, segundo o narrador, a exposição precoce a estes conceitos fez com que Tom não conseguisse compreender que eles são, na verda-

de, metáforas. E que o verdadeiro amor não é esse que aprendemos nos livros e nas músicas. Tom, por não ter maturidade para entender isso, acreditou piamente neste sentimento e vivia em busca dele, até encontrar Summer, aquele que viria aquecer seu coração. “Tal como o amor à primeira vista da atualidade, era o ver que deflagrava o amor, o encantamento diante de tão divina dama, criada por Deus (Deus *artifex*). Cabia ao trovador a atitude de vassalo, lançando-se aos pés de sua amada”.

5. Conclusão

A construção sógnica do discurso do narrador heterodiegético passa pelas três categorias fenomenológicas da semiótica de Peirce, na qual a sua exposição sobre os fatos contribui para o entendimento do plano corporificado do filme (500) dias com ela. Conforme a exposição das imagens o narrador completa informações importantes a respeito dos personagens Tom e Summer, desde música que o primeiro ouvia até o tamanho do pé da segunda personagem.

A importância da ótica do narrador heterodiegético desse filme se constrói pelas características e informações que ele apresenta sobre os dois personagens centrais. Mesmo que esse narrador não se insira na narrativa, conforme é exposto a sua fala durante o filme o expectador posteriormente formula a percepção sobre o personagem. Constatou-se nesse filme que o discurso do narrador interliga as imagens de uma cena para a outra e elucidada a coerência dos fatos (primeiridade), realiza conexão dos fatos (secundidade) e leva o expectador ao nível da interpretação (terceiridade).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Luís Miguel. A problemática do narrador: da literatura ao cinema. In: *Lumina*, dezembro de 2003. p. 57-72

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

JAMANI, KaminiJaipal. *A semiotics discourse analysis Framework: understanding meaning making in Science educations contexts*. In: KIRSHNER, David; WITHSON, James. *Situated Cognition Theory: Social, Neurological, and Semiotic Perspectives*. LONDON: Lawrence Erlbaum Associates,

1997.

LEMKE, J. L. Cognition, contexto, and learning: a social semiotic perspective. In: KIRSHNER, David; WITHSON, James. *Situated Cognition Theory: Social, Neurological, and Semiotic Perspectives*. LONDON: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologia. In: *VI Congresso SOPCOM*, Abril de 2009, p. 01-10

PIGNATARI, Décio. *Semiótica e literatura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PLATÃO. *Banquete*. Trad. de José Cavalcante de Souza. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROMANI, Anderson Vinicius. *Semiótica minuta: especulações sobre a gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de Charles Sanders Peirce*. 246f. 2006. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo – São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, Marcelo Moreira. *A construção sógnica do cinema de Hitchcock*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Comunicação.